



Novo líder das universidades dá prioridade ao reforço da autonomia

António Cunha sucede a António Rendas. Orçamento de Estado é o primeiro desafio do novo presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) que é o actual reitor do Minho

Ensino superior
Samuel Silva

António Cunha era apontado como um dos mais fortes candidatos à sucessão de António Rendas à frente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) e confirmou esse favoritismo, ontem, sendo eleito pelos seus homólogos sem qualquer voto contra. Nos próximos três anos, será o reitor da Universidade do Minho a liderar aquele órgão, mas o primeiro desafio chega no imediato, quando for conhecida a proposta de Orçamento de Estado (OE), que prevê mais um corte no financiamento do ensino superior. Será um teste à prioridade que definiu para o mandato: o reforço da autonomia das universidades.

O presidente do CRUP considera a definição do quadro de autonomia das universidades fundamental para que sejam possíveis projectos de ensino e investigação mais diferenciados. “Não tenho dúvida que demos de ter universidades mais diferentes umas das outras”, sublinha ao PÚBLICO. A indefinição criada pelo anúncio do fim do regime fundacional por parte do Governo e o atraso na revisão do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior não ajudam a clarificar esta situação.

“Sempre que sai um novo orçamento há sempre a dúvida se as universidades estão abrangidas ou não”, lembra Cunha. O ensino superior está sujeito a algumas regras que, para o novo presidente do CRUP, “não têm sentido”, sobretudo em matéria de contratação de pessoal e do regime de comparas. “Nós somos administração pública, mas estamos em concorrência internacional e precisamos de ter mais flexibilidade”

Por isso, espera que o OE para 2015 não tenha surpresas em matérias como as cativações de receitas próprias por exemplo. Em Agosto, as universidades receberam do Governo a informação de que, no próximo ano, iam sofrer um novo corte de financiamento de dez milhões de euros e esperam que não haja mexidas nesse valor. “Foi com base nisso que trabalhamos e que fizemos contratações. Não faz sentido agora haver alterações”, defende António Cunha.

Cunha não pretende, porém, que o seu mandato fique “capturado pela



António Cunha (o segundo do lado direito no primeiro plano) é o novo presidente do CRUP

Rendas sai após “anos difíceis” mas experiência “enriquecedora”

Os quatro anos de António Rendas à frente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) foram “difíceis”. É o próprio que o assume. Mas o percurso “foi muito enriquecedor”, valoriza ao PÚBLICO na hora da saída. É na ciência e na internacionalização do ensino superior que encontra os seus principais contributos para o sector.

Rendas deixa a presidência do CRUP depois de “um período demasiado longo” na liderança, mas não vai deixar de pertencer àquele organismo, onde tem assento enquanto reitor da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Com mandato por mais três anos para cumprir à frente da instituição lisboeta, o dirigente cessante diz estar “disponível” para colocar a sua “experiência ao serviço” das necessidades que venham a ser

identificadas pelo seu sucessor. “Continuo a estar muito empenhado”, sublinha.

Rendas enumera algumas das principais marcas que considera ter deixado no seu mandato, a começar pelo “papel positivo” na transição entre o actual e o anterior governos no que toca às parcerias com instituições estrangeiras como as universidades de Harvard, Carnegie Mellon e o MIT para a investigação científica. O CRUP apresentou também a proposta que deu início à elaboração do Estatuto do Estudantes Internacional, aprovado este ano, que dá novos instrumentos às universidades portuguesas para a sua internacionalização. “Estamos a dar os primeiros passos, mas são duas iniciativas em fase de crescendo, que podem ter resultados muito positivos”, valoriza o reitor da UNL.

António Rendas admite que as questões relativas ao orçamento do sector se sobrepuseram muitas vezes a outras das prioridades, mas defende que, sem essa intervenção, “não teria sido possível defender” estas apostas na ciência e na internacionalização, por exemplo, e os bons desempenhos das principais instituições portuguesas nos rankings internacionais. O financiamento vai voltar a estar em cima da mesa esta semana, quando for conhecida a proposta de Orçamento do Estado. O presidente cessante do CRUP espera que não se confirme o fim da excepção para o ensino superior do “congelamento” de 15% das receitas próprias, uma medida que estará contida no documento que o Governo está a ultimar. “Seria muito limitador e um prejuízo muito significativo para as universidades”, alerta.

discussão de questões orçamentais” e refere dossiers como a carreira docente universitária, a centralidade das universidades na produção científica nacional, a internacionalização e a interacção mais efectiva com a sociedade como prioridades para os próximos três anos à frente do CRUP.

A discussão entre os reitores na reunião de ontem ficou também marcada pelos resultados da avaliação das unidades de investigação pela Fundação para a Ciência e Tecnologia – e que excluiu metade dos laboratórios do financiamento público. “Era uma oportunidade para dar um salto efectivo no nosso sistema de investigação”, entende o líder do conselho de reitores, mas “decisões inexplicáveis” colocaram esse objectivo em causa e vão “trazer graves danos para o sistema”, antecipa António Cunha.

O reitor da Universidade do Minho foi eleito no plenário do CRUP de ontem com 12 votos favoráveis e dois votos brancos. António Cunha tem 53 anos, nasceu em Braga e é licenciado em Engenharia de Produção e doutorado em Engenharia de Polímeros. Como investigador, trabalhou na área de processamento e comportamento de polímeros e compósitos e tem uma ligação forte ao tecido empresarial. É detentor de quatro patentes e foi administrador do Pólo de Inovação em Engenharia de Polímeros – Centro de Excelência e Inovação da Indústria Automóvel.

O novo presidente do CRUP ficará no cargo até 2017, data em que termina também o seu mandato como reitor da Universidade do Minho, cargo para o qual foi reeleito há precisamente um ano. Deste modo, Cunha torna-se o segundo reitor da Universidade do Minho e liderar o conselho de reitores, depois de Sérgio Machado dos Santos, no final da década de 1990.

O reitor minhoto sucede ao líder da Universidade Nova de Lisboa, António Rendas, que deixa o cargo para o qual tinha sido eleito em Fevereiro de 2010. A demissão foi apresentada no final da última reunião do CRUP, no final do mês passado, tendo então invocado a necessidade de se dedicar mais à sua instituição como justificação para deixar o lugar, mas o presidente cessante diz-se disponível para continuar a colaborar com aquele organismo (ver caixa).